



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE LETRAS Vernáculas**

ARI SMAR ALVES PEREIRA

O ESPAÇO DA ORALIDADE NAS ESCOLAS RURAIS

Jacobi na
2011

ARI SMAR ALVES PEREIRA

O ESPAÇO DA ORALIDADE NAS ESCOLAS RURAIS

Monografia apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jane Adriana Vasconcelos P. Ros

Jacobi na
2011

ARI SMAR ALVES PEREIRA

O ESPAÇO DA ORALIDADE NAS ESCOLAS RURAIS

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB para obtenção de graduação em Letras Vernáculas.

Jacobi na, _____ de _____ de _____.

Banca examinadora

Prof^a Dr^a Jane Adriana Vasconcelos P. Rios
Orientadora

Prof^a Dr. Antenor Rita Gomes
Avaliador

Prof^a Ms^a Patrícia Vilela da Silva
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as professoras que fizeram parte deste trabalho, me dando atenção, colaborando e disponibilizando de forma voluntária

À meu pai que sempre me incentivou a lutar por meus objetivos.

Agradeço à todos que me acompanharam nos momentos de dificuldades, incentivando-me à continuar sempre.

RESUMO

O trabalho "O espaço da oralidade nas escolas rurais" analisou a produção da cultura oral dos alunos nas escolas rurais, bem como esta é percebida pelos professores através do trabalho pedagógico desenvolvido. Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizados os autores Ong (1998), Zumbor (1987), Bagno (2002), Candiari (2006), Gerald (2000), Galvão (2002), entre outros. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de base etnográfica em escolas rurais no município de Capim Grosso, interior do estado da Bahia. O estudo destaca a importância da atuação dos professores no intuito de incentivar a preservação da cultura oral dos alunos, analisa o convívio aluno/professor e suas interações através da oralidade. Destaca-se também o preconceito linguístico no qual os alunos do meio rural se deparam em determinadas situações na sala de aula, e a relação entre a oralidade e a escrita. Além disso, acompanhar as atividades orais dos alunos das escolas rurais nos permitiu compreender as condições em que a oralidade é tratada pelos professores.

Palavras-chave: Oralidade, escolas rurais, linguagem, cultura

ABSTRACT

The work "The space of orality in rural schools" analyzed the production of the oral culture of students in rural schools as well as this is perceived by teachers through the pedagogical work developed. The survey was conducted from an ethnographic study in rural schools in the municipality of Capim Grosso, the state of Bahia. For this study, the authors Ong (1998), Zumbor (1987), Bagno (2002), Candiari (2006), Gerald (2000), Galvão (2002), among others. The study highlights the importance of the performance of teachers in order to encourage the preservation of oral culture of the students, analyzes their interaction student / teacher and their interactions through the spoken word. We also focus on linguistic bias in which students from rural areas face in certain situations in the classroom, and the relationship between orality and writing. Also, following the oral activities of students in rural schools has allowed us to understand the conditions in which oral tradition is treated by teachers.

Key words: Orality, rural schools, language, culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - ORALIDADE, CULTURA E ENSINO	10
CAPÍTULO II - VARIEDADE LINGÜÍSTICAS NAS ESCOLAS RURAIS	20
CAPÍTULO III - A ORALIDADE E A ESCRITA NAS ESCOLAS RURAIS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	47
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

A cultura oral tem seu espaço garantido nas comunidades rurais, no entanto esta é distinta das outras variedades promovidas pela escola. Perceber a importância desta cultura oral, como se configura a variedade linguística dos alunos e refletir sobre sua relação com a escrita na sala de aula, é importante para melhor compreender o seu espaço nas escolas rurais. É pertinente a discussão sobre o espaço da oralidade nas escolas rurais, pois desta forma podemos observar a importância que a cultura oral dos alunos tem para o seu desenvolvimento, desmistificando a ideia de “cultura inferior” que em momentos passados, ou em outros ambientes, esteve presente no processo de aprendizado destes alunos.

Desta forma, este estudo analisa como o professor atua diante da cultura oral dos alunos das escolas rurais e como é trabalhado o espaço da oralidade na sala de aula. O estudo foi desenvolvido a partir dos princípios da pesquisa etnográfica, - acompanhada de observações e entrevistas - realizadas nas escolas rurais do Ensino Fundamental I, no município de Capim Grosso¹.

Desse modo, a pesquisa possibilitou observar a importância do corpo docente na interação com a oralidade dos alunos das escolas rurais, compreendendo a sua forte influência na produção de saberes linguísticos, cuja ação, dotada de carga ideológica, incorpora-se nas práticas cotidianas dos discentes e em suas comunidades. Tendo como objeto de análise as atividades relacionadas à cultura oral dos alunos, procuramos compreender de onde vêm suas particularidades, como estas influenciam na construção das suas identidades linguísticas e como se relacionam no desenvolvimento dos novos saberes produzidos na escola.

A relevância da pesquisa está na identificação do lugar da oralidade dos alunos das escolas rurais e sua relação com a construção da identidade linguística do aluno em sala de aula. Tal discussão fundamenta-se em teóricos como: Olson (1995), Zumthor (1993), Bagno (2002), Galvão (2002), Gerald (2000), Menezes (2009), e Ong (1998), entre outros que exploraram o tema *oralidade* apresentado por perspectivas

¹ Município situado ao norte do estado da Bahia a 272 km de Salvador.

relevantes para esta pesquisa. Estes estudos exemplificam as diferentes relações entre a oralidade e a cultura que caracteriza o aluno, ao mesmo tempo em que nos permite extrair elementos para a discussão entre as modalidades da língua e sua correlação com a cultura vivenciada no meio rural.

As discussões acerca da ruralidade e a sua diversidade constituem um dos eixos imprescindíveis para o desenvolvimento deste texto. Estes estudos servirão para estabelecer distinções sobre a ideia de *rural* em determinados contextos, ajudando a melhor entender e elaborar conceitos vinculados ao tema. Entender como se configura o ambiente em que os alunos estão inseridos foi importante para compreender a produção linguística deles. Foram utilizados os estudos de Ros (2008), Santos (2003), Siqueira 2001, junto às observações feitas nas escolas rurais.

O presente estudo tem como objetivos trazer reflexões sobre as práticas docentes de arte da oralidade dos alunos da escola rural e, conseqüentemente, como o professor se relaciona com a diversidade linguística trazida por estes sujeitos, identificando e analisando a produção da oralidade presente na escola rural. É apresentada aqui também a relação entre a oralidade e a escrita a partir das práticas pedagógicas.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da etnografia, uma vez que possibilitou uma descrição densa sobre os fenômenos estudados, analisando-os no seu cotidiano. A etnografia ajuda o pesquisador a criar novos conceitos sobre o tema estudado, baseando-se nas produções dos sujeitos ao longo da pesquisa. O estudo foi realizado com professores e seus respectivos alunos do ensino fundamental I, em escolas rurais do município de Capim Grosso, interior da Bahia. Fizeram parte desta pesquisa a Escola municipal Maximiliano dos Santos, situada no povoado Água Nova, com uma turma de 29 alunos do 4^a ano do período matutino; Luízeno Araújo Oliveira localizada no povoado Peixe, observando uma turma com 30 alunos do 5^a ano do período vespertino; Escola municipal Justino Ribeiro Soares do povoado Lajedo, com três turmas multisseriadas, duas no matutino, uma com 26 alunos do 2^a ao 4^a ano e a outra do pré ao 1^a ano com 16 alunos, e um turno vespertino com 25 alunos do 2^a ao 5^a ano; Escola municipal João Evangelista Filho do povoado Mata do Estado com duas turmas, uma no matutino com 28 alunos do 3^a ao 5^a ano,

e a outra no vespertino com 26 alunos do 2^a ao 4^a ano; e a Escola municipal Luciano Silva do povoado km 12, com duas turmas no matutino multisseriadas, uma com 18 alunos do pré ao 1^a ano, e a outra do 2^a ao 5^a ano com 29 alunos.

A metodologia do trabalho partiu da pesquisa bibliográfica, passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação e, a partir daí, obtive “dados” que foram utilizados no levantamento de conceitos e discussões teóricas sobre a oralidade na escola da zona rural. O segundo momento foi o trabalho de campo através das observações na sala de aula dos professores.

E, por fim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que possibilitaram a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da cultura oral nas escolas rurais, acompanhando os conceitos apresentados por teóricos da área.

Esta monografia foi dividida em três capítulos que apontam os elementos que influenciam na presença ou não da oralidade nas escolas rurais. Desta forma, o presente trabalho iria-se com “*Oralidade, cultura e ensino*” apresentando como se configura a cultura oral dos alunos, produzida no convívio da sala de aula. Como segundo capítulo temos “*Identidade linguísticas nas escolas do campo*”, onde são apresentados os elementos que compõem a pluralidade linguística presente nas salas de aulas. Neste capítulo relaciona-se língua e identidade, mostrando, através de depoimentos dos professores e observações feitas nas escolas, como a cultura oral é representada na sala de aula e observando as práticas da oralidade desmistificando o preconceito linguístico presente nas aulas. O último capítulo, “*A oralidade e a escrita nas escolas rurais*”, apresenta os argumentos sobre a relação entre a oralidade e a escrita e as influências que uma exerce sobre a outra.

CAPÍTULO I - ORALIDADE, CULTURA E ENSINO

Os estudos feitos sobre a cultura oral remontam o desenvolvimento da linguagem humana. Nestes, encontramos explicações que apresentam como se configura o espaço da oralidade nas comunidades não letradas, onde a linguagem se estabelece através das condições da cultura oral, definindo assim a importância da oralidade no ato da interação social. Foi a partir da oralidade que surgiu outras culturas vinculadas à linguagem, a escrita é um exemplo disso. Neste sentido, a oralidade primária, aquela totalmente desvinculada da escrita, perde o seu espaço. Para Zumbor (1987, p. 173), “ela se encontra apenas nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos”.

As discussões sobre a oralidade, no presente estudo baseiam-se, sobretudo, nos estudos apresentados por Ong (1998) que traz suas concepções sobre a cultura oral, legitimando o valor desta como imprescindível representação da linguagem humana. O autor defende que “(...) as palavras não são feitas de letras, mas de unidades sonoras funcionais ou fonemas” (ONG, 1998, p. 14). É através da atividade oral que o aluno aprende, e se estabelece como representante da sua cultura oral. No espaço da sala de aula, o aluno aprende a “dizer” e a “escutar”, com isso o papel do professor é de extrema importância para exposição oral dos conhecimentos específicos trazidos para a realidade do aluno da zona rural. Segundo Ong (1998, p. 15):

Ver a linguagem como um fenômeno oral parece ser inevitável e óbvio. Os seres humanos comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como audição. Algumas comunicações não-orais são extremamente ricas – a gestual, por exemplo. Contudo, num sentido profundo, a linguagem oral somarticulada, tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento estão relacionados de forma absolutamente específica ao som.

O autor conceitua a noção de cultura oral como elemento importante para comunicação humana. Percebe o valor da oralidade no sentido natural dos recursos utilizados para a comunicação das pessoas. Ong (1998, p. 16), explica que “a expressão oral pode existir – e na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita, mas nunca a escrita sem a oralidade” comprovando o poder da oralidade como elemento que interfere diretamente na escrita. É neste sentido que apresento a importância da oralidade na sala de aula das escolas rurais, cujo público-alvo é constituído por alunos oriundos da tradição oral vivenciada na comunidade em que estão inseridos. Isto reafirma a dependência que eles têm da oralidade para alcançar um bom aprendizado, ao mesmo tempo em que fortalece o valor da sua cultura oral.

A oralidade é o bem mais rico da comunicação na sala de aula de uma escola rural. Esta está presente em todas as etapas do convívio escolar dos alunos da zona rural. Neste sentido, é imprescindível que os professores estejam conscientes da importância e das influências que a oralidade opera no cotidiano dos alunos. Nas escolas rurais projetar um ensino de qualidade respeitando a cultura dos seus alunos é um constante desafio para os professores. Em relação às estas questões os professores (sujeitos da pesquisa) comentam

Eu acho que a minha fala influencia...desse sim. Sempre tentam me irritar, principalmente os mais jovens...desse iraragem mais comigo falando do que com os textos dos livros. (Mariana)²

Estão sempre repetindo o que falo...gostam de partir para oralmente, ainda mais quando os assuntos são...dá comunicação em que eles vivem (Eliene)

Os professores confirmam através das entrevistas que a oralidade dos alunos das escolas rurais está aberta às influências de outras culturas, sendo que a fala está fortemente ligada às mudanças que podem acontecer na cultura oral dos alunos.

Como mais importante advento da comunicação humana, a oralidade se apresenta até hoje de maneira rica, constituindo identidades e culturas. Em uma sala de aula, ela tem seu espaço garantido diante das relações entre os alunos e professores.

² Os nomes dos sujeitos da pesquisa são fictícios para a preservação das suas identidades.

Destafórma, podemos perceber a importância deste mecanismo de comunicação de arte das diversidades do cotidiano dos alunos na sala de aula, ou até mesmo do convívio com a sua comunidade. Apresentamos assim a oralidade primária, simples argumentada por Ong (1998, p. 15) onde ele apresenta que as condições de interação entre a oralidade e a cultura do indivíduo se faz de forma indelével pois, num sentido profundo, a linguagem tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento está relacionado de forma absolutamente espacial ao som.

Argumentos de teóricos como Ong (1998), Havelock (2002), e Zuntz (1987), comprovam a importância da oralidade para as relações humanas ou como identificadora de uma condição de comunicação social. Neste sentido, compreendendo a realidade da sala de aula de uma escola rural, podemos perceber a comprovação de tais argumentos quando observamos o uso da oralidade na escola.

A oralidade sempre é valorizada nas minhas aulas... eles conversam sobre tudo. Sempre estimulo eles a falarem. (Nilva)

Eu acho que é bem mais fácil para eles aprenderem quando estão conversando. Eles têm mais liberdade para... se expressar. Nunca os censuro, só quando falarem coisas que não têm nada haver com as aulas. (Eliene)

Acho importante eles conversarem... não é...? eles se sentem mais à vontade, e assim participam das aulas... (Fabi ana)

Com estas afirmações observamos que o professor apóia o espaço da oralidade produzido pelos alunos, utilizando-o para melhor adequar o seu trabalho às necessidades de aprendizagem deles. Os professores favorecem a produção oral dos alunos, pois desta forma percebem que estão se aproximando mais deles fortalecendo a relação professor/aluno na sala de aula.

A cultura oral aqui é apresentada como uma condição linguística produzida pela cultura oral dos alunos do meio rural. Visto desta forma, os discentes detêm em seu repertório linguístico uma variedade significativa do ponto de vista cultural. Definir esta cultura oral estaria comprometendo a prevalência da sua identidade cultural. Os professores entrevistados observaram que garantir um espaço para a oralidade nas

aulas estimulamos alunos a quererem participar dos conteúdos expostos pelo professor.

Eu sempre tento fazer com que eles participem né...? a gente sempre ficava falando, falando e os alunos ouvindo...isso muitas vezes deixava a aula "parada" e não estimulava o aluno a aprender. Sempre estou perguntando à eles se entenderam (Eliene)*

Diante das expressões deles eu sempre tento trazer para a aula as conversas...eles, quando falam de mais, sempre ficam distraídos e não prestam a atenção direito. Mas, estamos sempre dialogando.. (Fabiana)

Eles sempre querem falar. Existem aqueles que são quietinhos, típidos...mas, como são todos conhecidos, isso não impede de falar quando preciso...já tem uns que falam de mais (risos)...(Nelva)

O espaço da cultura oral nas salas de aula observadas foi feito constantemente. Houve sempre momentos de discussões e diálogos com o professor. Desta forma, entende-se que a oralidade esteve sempre presente no convívio dos alunos com o professor, este último, por sua vez, devido a sua autoridade e numa sala de aula, influenciou os alunos na forma como vão se expressar oralmente. Segundo Luz (2007, p. 1582):

Contudo, dominar a língua não significa falar estruturalmente, mas, sim falar utilizando os recursos que a própria língua oferece, adequando o discurso ao interlocutor, dando direza à expressão das ideias e é óbvio que não será pelo domínio da gramática padrão que se dominará a língua, pois "um menino não aprende a língua materna pela definição do adjetivo, substantivo, pronome, como não aprendemos a respirar estudando gravuras de pulmões.

Todos os professores entrevistados deixaram evidente em suas falas que tentam sempre dar importância à cultura oral dos alunos, valorizando o espaço da oralidade na sala de aula. Quando questionados se a oralidade é valorizada na sala de aula, responderam

*Sim a fala é muito valorizada, eles estão o tempo inteiro conversando e interagindo às minhas perguntas... Adoram conversar. (risos) É o jeito deles se expressarem. Sempre incentivo eles a falarem (Nelva)**

Muito sim! Elas sempre falam sobre os casos que acontecem no dia-a-dia. Acho até bonito o jeito delas falar. Nas aulas eu sempre trago assuntos do cotidiano da roça para elas participarem das aulas... (Eliene)

Sim, gosto de conversar com elas... Elas adoram estes momentos. Gostam mais de conversar do que escrever (risos). Nas aulas sempre faço perguntas orais para elas... (Fabiana)

Observa-se aqui que as professoras incentivam os alunos a se expressarem oralmente, defendendo que assim se tem um estímulo maior para participarem das aulas. Não há dúvidas que a oralidade do professor chama a atenção dos alunos e em seu convívio, produzindo desta forma um intercâmbio de conhecimentos através da oralidade. Definir os assuntos a serem tratados também faz parte do cotidiano dos professores que utilizam o espaço oral para se aproximar dos alunos, desta forma, pode ser observado que os professores selecionam assuntos inerentes ao cotidiano dos alunos, facilitando assim o interesse destes pelas aulas.

Elas trazem um pouco do que aprendem em casa ou na roça para as aulas... isso facilita na hora da escdha dos assuntos que vamos estudar. O jeito de falar delas tem muitas palavras do lugar de onde elas moram... Sempre são assim, mas as vezes mudam. Acha que estão falando errado e tentam corrigir um ou outro... (Eliene)

Aprendem sempre em casa primeiro e depois trazem para a sala de aula... fazem isso através de brincadeiras e contando o que aconteceu no dia-a-dia. Acho interessante o jeito delas falarem... (Céide)

Observamos aqui que as influências culturais do ambiente extra-escolar que compõem o espaço da oralidade produzido pelos alunos na sala de aula. Há também a forte presença da cultura local na sala de aula. De acordo com os depoimentos dos professores e como que foi observado nas escolas do meio rural, os alunos apresentam sempre os conhecimentos do seu cotidiano extra-escolar, e os professores tentavam relacionar estes conhecimentos ao ensino-aprendizado desenvolvido na sala de aula. Os professores, incentivados pelo projeto pedagógico da escola, cujos temas propostos estão relacionados à valorização da cultura local, expõem os assuntos das disciplinas incentivando os alunos a

relacioná-los com os saberes adquiridos na comunidade. Segundo Luz (2007, p. 1587):

A escola deve promover novas formas de interação entre alunos, professor e patrimônio cultural. Esses processos auxiliarão o aluno a internalizar novos recursos expressivos, não no sentido de substituir uma variedade por outra, mas compreender uma das variedades da língua.

Relacionando o que fora apresentado à este conceito, podemos perceber que nas escolas observadas os professores atuam de maneira a favorecer a relação entre os saberes produzidos pela escola e os conhecimentos trazidos pelos alunos para a sala de aula. Agindo desta forma, os professores entendem que estão facilitando a compreensão dos alunos sobre os assuntos tratados em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento deles, sem menosprezar a sua cultura.

Eu tento sempre usar como exemplo os assuntos do cotidiano deles. Assim facilita para eles entenderem o assunto. (Nélva)

Eu gosto de comparar as coisas...como é na roça em que eles moram e como é na cidade ou em qualquer outro lugar... (Ana Paula)

Assim... eu uso palavras que eles já conhecem da roça de onde eles moram para comparar...dar como exemplo para outras palavras que eles ainda não conhecem. (Cláudia)

Nas entrevistas, as professoras vinculam a produção da cultura oral dos alunos na sala de aula à cultura oral local destes. Este é um fato notório, já que as relações estabelecidas entre a cultura dos alunos e a sua classe social influenciam diretamente no cotidiano escolar. As professoras entrevistadas concordam com a preservação da cultura oral local. Embora elas afirmem que a oralidade é sempre incentivada na sala de aula, não apresentam esta como uma das metas importantes da escola. Consideram-na apenas como uma ferramenta utilizada para melhor estabelecer um diálogo que favoreça uma boa relação entre os alunos e os assuntos apresentados pelo professor. Assim, os professores ainda têm dificuldades em estabelecer distinções sobre a diversidade linguística existente na sala de aula. “Falar” diferente é facilmente percebido pelos professores, no entanto, refletir sobre

o porquê eles “falaram” assim é pouco praticado pelos educadores. Desta forma, observa-se que os professores ainda estão pouco informados sobre como atuar diante da pluralidade linguística existente em uma sala de aula.

No momento das observações, podemos notar que não havia interesse dos professores em querer mudar a cultura oral dos alunos, bem como a sua forma de se expressar, o interesse dos professores estava apenas em apresentar os saberes pertinentes ao convívio do meio rural e urbano.

O projeto educação no campo nos oferece material para que as aulas sejam elaboradas de acordo com a realidade dos alunos. Isso facilita bastante o aprendizado deles. (Ana Paula)

Com o projeto educação no campo fica mais fácil aplicar os conteúdos, pois ele traz muitos assuntos da realidade dos alunos. (Fabiana)

Eles sabem falar da roça, com isso o projeto da escola apresenta os elementos que fazem parte da realidade deles. (Fernanda)

Desta forma, podemos perceber que os professores, através da utilização de elementos que compõem a cultura da comunidade, acompanham o currículo da escola que estimula à valorização da cultura local, optando pelas práticas orais por considerarem mais adequadas ao meio rural no sentido de aproximar o aluno do seu contexto. Eles apontam que a oralidade é constantemente trabalhada nas aulas, através de diálogos sobre os assuntos apresentados e através do cotidiano de cada um. Os professores trabalham assim por seguiremos ideias pedagógicas do Projeto de Educação no Campo promovido pela secretaria municipal de educação. Desta forma eles, por terem participado dos cursos de formação que favorecem à valorização dos saberes presentes no meio rural, após a cultura local valorizando-a em suas aulas.

Há sempre um diálogo entre a gente, por isso a oralidade está sempre sendo estimulada. Conversamos muito sobre o cotidiano de cada um, sempre contextualizando com os assuntos dados. Às vezes não há como fugir dos bate papos. (Augusta)

Com isso, podemos perceber qual o espaço dado à oralidade nas aulas da professora Augusta, entendendo que o exercício da oralidade conduz os professores e alunos a terem um bom relacionamento na sala de aula. A partir do momento em que a oralidade é estimulada na sala de aula, a comunicação entre o aluno e o professor se torna constante, enriquecendo as aulas.

Considerando que o aprendizado de uma língua se dá através de seu uso, em situações reais, notamos a importância da comunicação oral nas escolas rurais no intuito de definir a maneira como a língua deve ser usada nas diversas situações. As práticas orais na sala de aula de uma escola rural têm grande importância na produção do conhecimento sobre o uso da língua. É neste sentido que a linguagem oral está sempre sendo estimulada. Os assuntos tratados nas salas de aulas das escolas observadas eram expostos de acordo com os interesses de aprendizagem dos alunos, visando o aprimoramento dos saberes construídos de acordo com as necessidades das comunidades. Desta forma, os professores se utilizavam de textos, imagens e músicas, para melhor ilustrar o cotidiano das pessoas que vivem no meio rural e de todos os elementos que o compõe. Neste momento, a oralidade ganha seu espaço através das discussões e apreciações sobre os temas expostos.

Em uma pergunta feita sobre a relação entre a oralidade e a escrita, no intuito de saber qual destas modalidades da língua facilitava o aprendizado dos alunos das escolas rurais, pode-se perceber que a oralidade possibilita um maior desenvolvimento do aprendizado dos alunos, como podemos observar nas respostas de alguns professores:

A oralidade. Com ela, os alunos têm maior facilidade em entender e em o assunto (Ana Paula)

A oralidade está sempre presente na sala de aula, a maior dificuldade é no momento de passar para a escrita (Nilmar)

Os interlocutores através dos diálogos e discussões sobre os temas apresentados nas aulas, criam vínculos de interação oral estabelecendo uma interação verbal entre o professor e os alunos. O espaço oral tende a ser o principal veículo de

interação entre professores e alunos das escolas rurais, sendo assim e deve ser elaborado junto com as condições socioculturais dos alunos. Segundo Lopes (2009, p. 5):

A escola, como qualquer outra instituição, opera qualitativamente sobre os objetos que nela circulam tanto por que tem objetivo próprio que é o de ensinar, e complementarmente por que à tarefa de ensinar inclui outra de cunho coercitiva, manipular e normatizadora que é o didático.

É com esta noção do poder de influenciar que a escola tem que os professores das escolas rurais do município de Capim Grosso vêm a importância de se estabelecer um projeto que valorize a cultura oral dos discentes. Eles entendem que a construção e a preservação das identidades linguísticas e culturais dependem desta “intervenção” por parte da escola.

As atividades desenvolvidas estão à favor do projeto de ensino estabelecido pela escola, desta maneira o contato com a cultura local passa a ser imprescindível na construção dos novos saberes, como fora visto anteriormente. Em uma análise de como se instaura a conversação nas escolas observadas, o gênero oral esteve sempre presente nas aulas observadas, colaborando com a interação entre o aluno e o professor.

O espaço da oralidade é produzido na sala de aula seguindo as metodologias do professor, e a sua constante apropriação das modalidades de verbalização dialogando como vocabulário dos alunos para o melhor desenvolvimento das aulas. Com isso, os próprios professores, quando questionados sobre a adaptação do vocabulário à cultura oral dos alunos, observam que:

(...) Eles conversam bastante comigo, recorta a história ouvi da das leituras que faço na sala de aula. (Fernanda)

Sempre converso com eles sobre o cotidiano da roça, isso faz com haja uma adaptação entre as nossas falas. O projeto da escola me induz a isso. E é eficaz a preservação da cultura rural. (Augusta)

É como se tivéssemos uma boa conversa, há sempre uma interação. (Ana Paula)

A interação está sempre presente nas aulas através da conversação, gênero textual oral predominante nas aulas observadas. A interação entre os alunos e os professores se faz sem dificuldade, isso se deve ao fato dos assuntos tratados serem corriqueiros no cotidiano dos alunos no ambiente extracurricular. Os professores, comprometidos com esta proposta, percebem que relacionar os conhecimentos dos alunos aos assuntos que estão fora da realidade deles ajuda a fazê-los perceber a realidade de maneira mais ampla.

CAPÍTULO II - VARIEDADE LINGÜÍSTICA NAS ESCOLAS RURAIS

Toda a língua é composta por um complexo de variedades, condicionados por um conglomerado de variantes. Esta concepção de língua pode ser adotada tanto para as extensas comunidades, quanto para os pequenos povoados isolados. Esta variedade se dá por critérios sociais e culturais onde os indivíduos atuam linguisticamente a partir de um sistema de comunicação determinados pelos seus contextos e situações diversas. Desta forma, o ambiente cultural em que está situado o falante é que tende a influenciar o seu desempenho linguístico, predispõdo-o a favor de um padrão cultural fortemente acentuado na comunidade em que vive.

Os alunos do meio rural estão introduzidos nestas condições e, a partir do contato com a escola, eles se vêm diante de uma variedade ainda maior, tanto do meio cultural quanto do meio linguístico. Este contato com uma variedade linguística distinta se apresenta ao aluno de forma muito complexa, por eles estarem diante de algo novo, que produz mudanças em seu comportamento linguístico. Os professores, em face de extensa gama de modalidades da língua, tendem a apresentar a norma-padrão, formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas (BAGNO 2004), como a ideal para a comunicação, privilegiando a língua escrita como fonte do padrão, desconsiderando assim as variações da língua e o espaço da cultura oral dos alunos.

O uso da oralidade como principal meio de comunicação nas salas de aulas das escolas rurais, faz com que o aluno entre em contato com outras variedades da língua distintas do seu repertório linguístico. Observa-se que a cultura oral dos alunos se relaciona com outras variedades linguísticas, e estas influenciam em suas performances linguísticas. Junto a estas variações da língua, o aluno se depara com a ideia de “uso correto” da língua determinado pelas classes sociais mais elevadas. Diante disso, configura-se nos alunos a noção de que a língua deve obedecer às regras das quais se apóiam como fundamento de valor imposto pela sociedade, onde é determinado o que “é” se expressar oralmente “correto” e “errado”. Desta forma, devido às influências dos estereótipos criados pela sociedade que fortalecem o

preconceito linguístico, os alunos podem sentir-se inferiorizados diante das demais variedades da língua. Nestas condições, como afirma Bagno (2002, p.70), apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística, para que com isso os alunos percebam que não há “certo” ou “errado” no uso oral da língua, o que ocorre são formas diversas de utilização, em situações e ambientes específicos. Sobre isso, os professores apresentam que:

Elas são respeitadas sim... no jeito delas falarem. Tento explicar à elas que a pronúncia de algumas palavras tem que ser dada forma como se lê nos livros. Não censuro quando elas trazem alguma expressão do cotidiano, mas também não os deixo exagerar. (Náiva)

Gosto quando elas falam do jeito delas... acho bonito. Mas, sei também que é importante falar do jeito que está explicado nas gramáticas... deixo muita liberdade à elas para falarem... tento não censurá-las. (Ana Paula)

Acho que já convivi tanto com elas que nem vejo tantas diferenças assim... elas estão sempre trazendo alguma expressão para a sala de aula. Algumas eu não deixo que fique repetindo... corrijo sempre quando elas falam uma palavra errada. (Eiene)

Observa-se desta forma que os professores estão sempre tentando estimular os alunos a falarem, contudo tentam censurar quando percebem que os alunos não seguem a norma padrão necessária ao aprendizado. A respeito desta relação da cultura oral com a norma padrão, nota-se uma interferência na forma dos alunos se expressarem proporcionando a estes uma preocupação com o uso da língua no ambiente escolar, ou em qualquer outro local de interação sociocultural. Os professores nas aulas observadas tentavam sempre não diminuir e estigmatizar a produção oral dos alunos, em nenhum momento elas estabeleceram a cultura oral dos alunos como sendo “o uso incorreto da língua”. Com isso, mesmo que indiretamente, os professores concordam com o entendimento sobre o uso da língua apresentado por Bagno (2002, p. 71-72):

Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, *não existe erro em língua*, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas.

Neste sentido, ao preservar a cultura oral os alunos serão estimulados ao seu uso, no entanto, compreender que ela se comporta como mais um dentre muitos fenômenos da língua é importante para que os alunos estejam abertos para outras inovações linguísticas. Com isso os alunos podem perceber que o valor da sua cultura não é, ou não deve ser, diminuído nem aumentado diante das demais culturas presentes na sociedade. Apesar desta noção linguística de que não existe o mau uso da modalidade oral da língua, o *erro linguístico*, por parte da sociedade, existe em maior ou menor gravidade, isso devido às camadas sociais das quais é dividida a sociedade. “ Quanto mais baixo estiver o falante na escala social, maior número de “erros” as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística” (BAGNO, 2002, p. 73). Sendo os alunos das escolas públicas das comunidades rurais, em sua grande maioria oriundos de famílias pobres, por conta disso e os demais elementos que os caracterizam como a posição geográfica, o nível de escolarização, a renda mensal entre outros critérios, a sua cultura oral estará sempre correndo o risco de ser desvalorizada e julgada como inferior diante das demais.

Os alunos querem mudar o jeito de falar por acharem que estão falando errado. Os próprios pais os estimulam assim. Certa vez o pai de um aluno disse “os meus filhos estão na escola para aprender, e não ficar falando que nem um burro”, desta forma eles mesmo se inferiorizam..(Fabiana)

Eles se sentem inferiorizados sim. Eles acham que o jeito de se expressar na cidade é melhor do que o da roça. Volta e meia eles aparecem com algum Chavão da cidade ou que vem na televisão. (Eliene)

Intimamente o que vem na televisão ou na rua, sempre são assim. Não os próbo, não vejo nada de mais nisso. (Augusta)

Desta forma, os alunos recebem diversas influências na sua produção oral, sendo esta inserida em sua constituição. De acordo com Candiari (2006) o hibridismo, sempre estará presente nas comunidades que se comunicam e interagem com outras culturas. Vinculados a isto, também serão notórias as mudanças que a cultura irá sofrer por influências destas relações. A escola rural, nestas condições, tem papel importante na interação entre o rural e o urbano, com isso a preservação da cultura oral dos alunos, sem que isso afete o seu desenvolvimento no âmbito individual ou social, apresenta-se de forma crucial para a compreensão sobre a

cultura da comunidade em que vive. Nas aulas observadas era notório a forte influência que os meios de comunicação exerciam sobre os alunos. Os discursos traziam para a sala de aula palavras e “chavões” observados em programas de televisão e no rádio. Desta forma, podemos perceber o quanto estes alunos estão abertos às influências externas à sua realidade.

Nas escolas rurais estão presente elementos da cultura urbana que são apresentados através de textos contidos nos livros didáticos, projetos etc, enquanto a cultura rural foi fortemente representada pela oralidade dos alunos. Nas aulas observadas, constatou-se que os professores no momento de apresentarem os assuntos, o fazia de maneira a tentar relacionar as duas culturas. Neste sentido, percebe-se que o intuito destas aulas era fazer com que os alunos percebesse os valores sociais e a importância de cada cultura para a sua formação como sujeito crítico e reflexivo.

As aulas observadas eram constituídas por uma pluralidade de significados que configuravam as variações da língua ali presentes. Assim os professores se apresentavam como os mediadores sobre a compreensão que os alunos tem em relação às diferenças culturais presentes na oralidade. O espaço da oralidade foi instituído, desta forma, como elemento identificador da cultura oral local, e do seu valor diante das demais. Segundo Bagno (2002, p. 89) “o desenvolvimento, seja de crianças individuais ou de sociedade inteiras, envolve questões de valores”, com isso, a interferência da escola torna-se imprescindível para combater os erros criados no interior ou exterior da comunidade rural, produzindo nos alunos uma noção de valor indescritível da sua própria cultura oral.

Para os professores entrevistados, saber mediar os alunos para que eles possam ter conhecimento sobre as variações da língua, sem que estes não os detenham em uma única concepção de uso da língua, descrevendo as outras variedades, pode ser o fator principal para o bom aprendizado. A relação do aluno com a língua está imbuída por crenças sociais, culturais e políticas, de acordo com as necessidades e condições da sua comunidade, e tudo isso influencia no seu uso.

El estrazem um pouco do que aprende em casa ou na roça para as aulas...isso facilita na hora da esdha dos assuntos que vamos estudar. Ojêto de falar del est em muitas palavras do lugar de onde el es mora m.. sempre são assi m, mas as vezes mudam. Acha m que estãõ f d ando errado e tent am corri jr um ou outro.. (Ei ene)

Aprendem em casa primeiro e depois trazem para a sala de aula...fazem isso através de brincadeiras e contando o que acontece no d a a d a. Acho interessante ojêto de falar em.. (Cé de)

A fala dos professores está de acordo com aquilo que foi percebido nas aulas observadas. Nestas aulas, os alunos tinham total liberdade para se expressar e, contudo, os professores sempre estavam tentando mediar as suas falas, tentando delimitar os assuntos de acordo com a aula dada. De certa forma, os professores estavam cientes que cada indivíduo carrega em si um jeito particular de se expressar oralmente, e isto não influencia de maneira negativa em seu aprendizado, pelo contrário, a partir da noção de que cada um tem de suas particularidades na maneira de falar é que discutiam questões referentes ao respeito e, desta maneira, aprendiam com as demais variedades linguísticas.

Perceber a importância da oralidade dos alunos como elemento vinculado ao seu desenvolvimento esteve presente nos métodos utilizados pelos professores observados. Para que isso ocorra, a noção de diversidade linguística e cultural é determinante para haver o respeito por parte do professor diante da pluralidade cultural da qual é composta a sala de aula. Isto tem um valor mais significativo quando o professor está diante de uma sala de aula formada por alunos oriundos do meio rural. Nas aulas observadas esta situação esteve presente, requerendo uma atenção mais cuidadosa por parte dos professores devido a já existir formas de preconceitos contra a cultura oral produzida no espaço rural. Desta forma, os professores atuavam seguindo a seguinte reflexão “a linguagem do aluno do meio rural, nas nossas escolas, precisa ser desmistificada. É preciso que a escola e o educador estejam preparados para conviver com esta pluralidade que é a oralidade” (MENDES, 2009, p.21).

A variedade linguística está sempre presente no ambiente escolar e se tratando das escolas rurais este fato ainda é mais evidente, já que este é o principal meio de

comunicação de interação do ambiente escolar. Para o professor, saber mediar os alunos para que possam ter conhecimento sobre as variações da língua, sem que estes não os detenham em uma única concepção de “linguagem ideal”, pode ser o fator principal para o bom aprendizado do uso da língua. A relação do aluno com a língua está imbuída por crenças sociais, culturais e políticas, desta forma ele irá perceber o uso da língua de acordo com as necessidades e condições da sua comunidade.

A escola, pelo seu poder de persuasão, está sempre correndo o risco de preservar este “erro” da prática de ensino da língua, com isso pode discordar que a importância do ensino da língua está na compreensão do valor da linguagem moral de cada um, não diminuindo este valor por conta do “respeito à norma-padrão”. É preciso perceber que cada indivíduo carrega em si um jeito particular de se expressar oralmente, e isto não influencia de maneira negativa em seu aprendizado, pelo contrário, a partir da noção de que cada um tem de suas particularidades na maneira de falar é que há de se pregar o respeito e, desta maneira, aprender com as demais variedades linguísticas.

A fala de cada um é algo muito particular, por isso sempre haverá diversidades linguísticas nas salas de aula. Os professores atuam diante deste composto de linguagens com muita atenção, respeitando o uso da cultura oral dos alunos, e observando como esta pode ser utilizada para ter uma representação efetivada no seu cotidiano.

Nas escolas rurais observadas, a utilização da norma-padrão como a modalidade da língua tida como ideal, que deve ser utilizada no convívio social, esteve sempre seguindo os critérios de avaliação do professor e este, por sua vez, tenta não seguir as regras de uso de uma classe social de prestígio. Desta forma, as variantes que não pertencem a esta classe serão estigmatizadas, comprometendo assim a cultura oral dos alunos. Isso se dá devido ao preconceito existente na sociedade onde determinam o valor de cada pessoa a partir do seu modo de falar.

A variedade linguística é bastante evidente nas escolas do meio rural. Neste espaço estão presentes as variedades apresentadas pelos professores e trazidas pelos

alunos das comunidades rurais. Foi observado que os professores davam muita atenção àquilo que diz respeito à preservação da cultura dos alunos. Eles perceberam que com a preservação da cultura oral dos alunos, haverá o estímulo para que eles a utilizem no cotidiano, desenvolvendo-a a favor da busca pela autonomia social da sua linguagem. Com isso, percebe-se que a riqueza da oralidade dos alunos das escolas rurais pode ser utilizada para o aprendizado do português padrão, desta forma não há por que buscar outras modalidades linguísticas no intuito de reiterar os conhecimentos dos alunos desprestigiando o perfil cultural expresso na oralidade de cada um.

A norma culta nas práticas pedagógicas observadas apresenta-se como sinônimo de indivíduos plenamente escolarizados. Neste viés, ela também é necessária para o desenvolvimento do aprendizado dos alunos, já que ela faz parte da realidade do cotidiano das sociedades economicamente bem desenvolvidas. Desta forma, a norma culta está sempre dialogando e, muitas vezes, ocupando o espaço da cultura oral dos alunos. A sua importância é sempre estimulada tanto quanto as demais línguas que fazem parte do convívio dos alunos. O aprendizado da norma culta está presente no cotidiano da sala de aula das escolas rurais, é desta maneira que se entende que o aluno estará em uso aos padrões sociais necessários para o seu desenvolvimento. Porém, o ensino da norma culta sem está aliado a critérios que concorde com a preservação da cultura oral, pode se tornar um risco contra a preservação da diversidade linguística dos alunos.

...eu, quando estou dando aula de português, sempre corrijo os alunos nas atividades de gramática. Não posso deixar eles escreverem errado. (Nalva)

Eles têm dificuldades em separar a pronúncia das palavras com a leitura ou escrita delas...eu os corrijo quando necessário. (Fabiana)

Tem muita dificuldade em aprender a gramática. É o assunto em que eles tiram notas baixas.. (Ana Paula)

As culturas elitizadas estão sempre em busca da hegemonia das suas classes, ao lado disso estão as culturas tidas como subalternas, consideradas como inferiores pelas camadas sociais de prestígio. As distinções entre uma e outra não é

respeitada, e as comunidades pobres sempre estão tentando fazer parte das elites que compõem as classes sociais economicamente elevadas, segundo Candiari (2002, p. 274), “os neogramáticos veem a cultura, mais que como um espaço de distinção, de conflito políticos entre as classes, como parte da luta pela hegemonia”. Para o meio rural isto se torna ainda mais evidente, pois a desvalorização da sua cultura se faz tanto fora da comunidade, através do preconceito e da discriminação, quanto no interior delas por parte dos próprios moradores. A cultura oral dos alunos sofre os reflexos desta autodesvalorização cultural, da qual, configura-se pela busca por se tornar igual às culturas assimiladas de fora da comunidade. Os alunos tendem a se incorporar às culturas, principalmente a urbana, afim de não parecerem diferentes e, assim, não sofrerem qualquer tipo de discriminação por parte dos outros.

A sociedade desestimula o comportamento linguístico dos alunos da zona rural, através de opressões e julgamentos sobre o perfil que determina o valor dos seus conhecimentos através da forma que eles se expressam oralmente. Se este não estiver seguindo as regras das classes de prestígio, eles automaticamente serão postos de lado, tidos como inferiores aos demais. Desta maneira eles são cobrados a incorporar-se à variedade linguística considerada de prestígio pela sociedade, introduzindo-se em um novo modelo de cultura oral, abandonando a deles por achar em que é inconcebível diante de determinadas situações.

A diversidade linguística caracteriza as pessoas de uma comunidade. As diferenças predominantes entre uma e outra comunidade é que configura a sua identidade linguística. É seguindo este ideal sobre o comportamento linguístico que pude perceber nas aulas as relações existentes entre a diversidade e identidade linguística dentro de uma escola rural. Muitas vezes, comprometidos com o desempenho da fala, os alunos observados tendem a querer moldar a sua cultura oral de acordo com as culturas de fora da sua realidade rural. Os professores entrevistados identificaram os processos de mudanças linguísticas em suas aulas, estes respeitando o desempenho da cultura oral dos alunos, soube direcionar o aprendizado de outras modalidades da língua (a norma padrão, por exemplo) para as necessidades de comunicação dos alunos. Segundo Souza (2008, p. 20):

Não é preciso substituir a modalidade do aluno, mas é possível fornecer-lhe outra adidional, a de maior prestígio, para que, com isso, ao mesmo tempo em que ele possa conseguir sua ascensão social, também continue partilhando de seu grupo de origem, não sofrendo, assim, um processo de despersonalização.

Vinculado a isso, observou-se nas aulas que sempre há intervenção por parte da escola no intuito de promover a apreensão e preservação da modalidade linguística do aluno. Isto se dá através dos materiais fornecidos, bem como pelas instruções que os professores recebem no intuito de valorizar a cultura local estimulando-os. Os professores condicionam o aluno (através de comparações entre diferentes elementos que compõe a sua cultura) a perceber o valor da sua identidade linguística, considerando que isto é fator fundamental para que eles não passem por um processo de alienação comprometendo a sua cultura oral, alimentando o preconceito existente na sociedade. A desmistificação de que existe um “falar correto” e um “falar errado” é um dos principais elementos para preservar a identidade linguística das comunidades rurais.

Eu nunca disse que eles falam errado. Sempre prestei mais atenção nas palavras antes de falar... acho que assim eles entendem melhor. (Náiva)

Eles falam de acordo com o modo de vida que levam. São todos pobres. Acho que isso influencia bastante em suas falas. Acho que se a gente ficar corrigindo eles é pior por que eles vão se sentir inferior... (Ana Paula)

Eles trazem para a sala de aulas as características da sua comunidade. Muitas vezes falam como se estivessem na roça ou em casa... (Céide)

Observando as falas dos professores podemos analisar que, em uma abordagem mais ampla, os alunos das escolas rurais observadas personificam a identidade social da sua comunidade trazendo para dentro da sala de aula a cultura oral estabelecida pelas comunidades rurais. Neste sentido para entender os significados do seu desempenho linguístico é necessário perceber as suas ligações externas com a língua. Segundo Cesário (2010, p. 147-148) “O indivíduo inserido em uma comunidade de fala partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos.” Com isso verifica-se a forte influência

da língua materna no espaço oral das escolas rurais. O comprometimento destes alunos com a sua cultura oral por vezes acaba se tornando casual e sem a devida importância. Isso se deve ao fato de que eles limitam a sua cultural local à apenas o convívio em sua comunidade. A língua é utilizada com a sua finalidade primária, a comunicação. Para os alunos, ou até mesmo os indivíduos que compõem a comunidade, as escolas servem para corrigir aquilo que, em uma visão diferenciada dos seus entendimentos, seria a sua identidade linguística. A função da escola, neste sentido, seria a de despersonalização da cultura oral local. Ocorre, desta forma, um constante atrito com uma das formas de aprendizagem dos alunos, que é totalmente manipulados pelos valores impostos pela sociedade, e a conscientização de que não há um falar correto, o que existem variedades dentro da própria língua vinculados a fatores linguísticos extralinguísticos.

As escolas observadas tentam promover uma relação de respeito entre as variações da língua, com isso, estão sempre tentando atuar como intermediária na luta contra o preconceito linguístico. No entanto, as escolas têm as suas ações, muitas das vezes irribidas pelas necessidades e julgamentos da sociedade em geral. Embora ainda haja dificuldades em se apresentar um ensino de qualidade onde possa trazer discussões pertinentes sobre a diversidade da língua apresentando temas que exemplifiquem o comportamento linguístico dos seus alunos. Nas escolas observadas, estes temas estão sendo introduzidos de forma cuidadosa para que não ocorra o surgimento de novos problemas induzindo os alunos à alienação e à falta de compreensão sobre aquilo que interessa para a preservação da sua identidade linguística.

A carência de estudos nestas áreas demonstra que os professores ainda estão precisando de um conhecimento adequado para um bom desempenho dentro da sala de aula. O ensino tradicional fortalece as limitações dos professores introduzindo a norma padrão como único mecanismo de ensino da língua. Às vezes, alguns professores observados, comprometidos com apenas o desempenho gramatical dos alunos, não atentaram para as questões importantes do uso da língua. Recorrer à gramática para o ensino da língua é comum a todos os professores entrevistados. No entanto, alguns fazem assim como se os alunos,

nativos do português, não soubesse falar a própria língua. Sobre isso, argumenta Luft (1985, p. 37):

Todo falante nativo compreende sua língua materna e é sobre essa base que o educador deverá construir sua aula, procurando descobrir que tipo de gramática o aluno traz interiorizado, de onde ele vem, qual seu meio social e quais são as características pessoais de sua fala.

Os aspectos particulares da fala dos alunos foram analisados por alguns professores a favor do ensino da língua. Eles, agindo desta forma, concordam com o conceito que diz que todos os indivíduos têm a sua própria gramática internalizada. Desta forma, eles entendem que a pluralidade de significados exibidos pela diversidade linguística existentes na sala de aula pode ser um excelente modelo de aprendizagens e aprimoramentos da língua.

A língua está sempre mudando, desta forma a escola rural tem a necessidade de estar sempre se atualizando a partir do cotidiano da comunidade em que está inserido. Os professores entrevistados em suas aulas utilizam materiais que se adequam ao cotidiano dos alunos no meio rural. Com isso cria-se condições de o aluno se torna um cidadão que busca em sua comunidade um desenvolvimento sustentável.

O projeto educação no campo nos fornece material para a elaboração das aulas. Isso facilita o trabalho da gente. (Fabiana)

Temos materiais que estimulam o desenvolvimento sustentável... O projeto visa a existência e permanência do aluno na sua comunidade. Isso facilita que eles entendam as aulas.. (Ana Paula)

A maioria das aulas que dou são elaboradas com o material que a escola dá sobre o projeto educação no campo. Estão sempre voltados para a questão da agropecuária na comunidade. É muito útil. (Céde)

Observamos desta forma que, devido às propostas do Projeto Educação no Campo, os professores apresentam os conhecimentos sobre o cotidiano dos alunos na roça concordando com a preservação dos elementos que configuram as suas identidades linguísticas e culturais. No entanto, foi constatado nas observações que a existência

das influências extralingüísticas no cotidiano escolar dos alunos ainda é algo notório. Embora isso se apresente de forma diferente em cada sala de aula, o espaço da oralidade está aberto para as variantes construindo novos significados e condições para o seu uso. A língua é variável. Isso se torna evidente em um ambiente em que o uso da oralidade é feito com total liberdade. Neste viés, a variação não é vista como efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores lingüísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralingüísticos de vários tipos.

Os fatores extralingüísticos como o geográfico, o processo histórico e as classes sociais são determinantes para a configuração da identidade lingüística das comunidades rurais. Uma comunidade que se desenvolve longe dos aglomerados urbanos, em níveis de pobreza distintos dos centros urbanos tende a apresentar as suas particularidades de acordo com os sua forma de convívio. As escolas observadas tentam sempre perceber a realidade da comunidade em que vive os seus alunos, entendem que desta forma será possível desempenhar um bom trabalho dentro da comunidade e na vida dos alunos.

CAPÍTULO III - A ORALIDADE E A ESCRITA NAS ESCOLAS RURAIS

A oralidade e a escrita são modalidades da língua que se comprometem com a comunicação se apresentando como referências uma da outra. Contudo, ambas individualizam-se ao serem contrapostas. De acordo com Havelock (1995, p. 18) constitui um erro polarizá-las, vendo-as como mutuamente exclusivas. Neste sentido, podemos notar que a escrita está intimamente ligada à oralidade, isso devido ao seu caráter mútuo e criativo onde se evidencia a importância de cada uma destas modalidades para o desenvolvimento das categorias comunicacionais da sociedade.

É evidente o poder de ambas as modalidades dentro de uma comunidade, no entanto, a oralidade sempre foi a principal força da comunicação, principalmente dentro das comunidades tidas como não letradas. Este fato concorda diretamente com a condição histórica de ambas, afinal as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral. Tal observação traz a oralidade como elemento principal da comunicação humana nas sociedades contemporâneas por estar vinculada ao surgimento de outras modalidades da língua.

Nas comunidades não letradas, a oralidade ainda é o principal meio de comunicação. Isto se dá pelo intenso apoio sociocultural que influencia no comportamento linguístico dos indivíduos que compõem estas comunidades. No meio rural o espaço da oralidade compõe a maioria das situações comunicacionais, limitando o uso da cultura escrita. Comprometidos em apenas comunicarem-se da forma mais objetiva possível, os moradores nascidos e criados no meio rural não utilizam a cultura escrita como um meio de comunicação mais usual. Segundo Scdaro (2001, p. 14) “A fala é, por si só espontânea, direta, capaz de possibilitar uma interação imediata, em que o falante usa mecanismos que contextualizam a sua mensagem e facilitam a compreensão do ouvinte”. É devido a estas qualidades da fala que os moradores do meio rural não vêem necessidade em utilizar outras formas de comunicação em seu cotidiano e atividades rurais.

As escolas rurais se comprometem em trazer a cultura escrita para as comunidades rurais. É a partir destas escolas que os indivíduos entram em contato de forma mais

intensa com a cultura escrita. É neste momento que a oralidade e a escrita passam a se relacionarem e a buscar em os seus espaços. E os primeiros encontros são difíceis. A cultura oral é predominante e a cultura escrita surge para possibilitar novas influências para a cultura oral dos alunos oriundos do meio rural.

O problema do ensino da língua nas escolas rurais é comum como o de qualquer outra localidade, no entanto há algumas particularidades que a diferenciam do ensino da língua das demais escolas: o ensino da língua não se dá pelo uso da língua na modalidade oral. Segundo Scdaro (2001) o aluno passa a usar a língua, principalmente no que se refere à escrita, de forma artificial e simulada. Nas escolas rurais isso se dá de forma mais intensa, pois nestas muitas das vezes há o problema da elaboração do currículo da escola e da escolha dos materiais utilizados que privilegia apenas os conhecimentos vinculados às culturas distantes da realidade dos alunos. Desta forma, os alunos tendem a produzir textos escritos descomprometidos que estes possam ser utilizados como instrumento de comunicação. Segundo Scdaro (2001, p 61):

Na escola, a interação através da escrita não se estabelece de forma verdadeira e necessária o aluno escreve para atender a uma solicitação do professor, não para responder a uma necessidade de comunicação. O mestre, por sua vez, não faz tal solicitação por uma real necessidade de interagir com o aluno, através da escrita, mas com o objetivo único de cobrança.

Estes foram características encontradas em algumas aulas observadas. Nas aulas era notório que os professores utilizavam materiais vinculados ao cotidiano e elementos que compunham o meio rural, e também materiais vinculados à cultura urbana. Mas, no momento da produção de textos escritos, alguns professores pediam os conteúdos inerentes a uma realidade incomum para os alunos. E desta forma, os alunos sentiam grandes dificuldades em escrever sobre algo totalmente desvinculado da sua realidade, já que o próprio ato de escrever não faz parte das suas atividades cotidianas. A partir do momento em que a escola se apresenta de forma aleatória e distante do processo de construção do aprendiz, tudo se torna artificial, impossibilitando uma atuação contextualizada por parte dos alunos.

Elas tem muita dificuldade em escrever, gostam de participar das aulas conversando. Estão mais acostumados à isso.. à liberdade de falar. (Nilva)

A escola está lá para ensinar. Elas tem que aprender à escrever bem sem erros. Mas ainda tem muitas dificuldades, não escrevem as palavras certas. E ainda querem escrever da forma como falam..(Fabiana)

A gente tenta “pegar-no-pé” delas, mas elas ainda são muito desafiadas quando é para escrever. Na maioria das vezes só fazem quando é alguma atividade obrigatória, caso contrário acho que nem escreveriam (Nilmaria)

Observa-se desta forma que a escrita, pelo fato de estar fora da realidade cultural dos alunos, é uma das grandes dificuldades deles, e isso compromete o ensino-aprendizado deles. Os professores exigem que os alunos escrevam bem, no entanto, esta postura do professor pode condicionar o aparecimento de novas variantes no repertório linguístico dos alunos. A escola rural é composta por alunos que apresentam uma pluralidade cultural intensa e mltiorica. O seu legado oral faz parte da sua cultura, mesclar a sua cultura oral com a cultura escrita trazida pelos livros didáticos da escola estará influenciando também nas manifestações culturais dos alunos? Até que ponto isto pode ser considerado como um desenvolvimento positivo dos alunos das escolas rurais?

Algumas questões são sempre expostas pelas escolas quando o assunto é preservação da cultura local. A necessidade de uma medição da oralidade para escrita é evidente para que não haja distorções sobre as representações de ambas. Desta forma, a oralidade pode ser apresentada nas escolas rurais como algo de valor inevitavelmente ligado ao desenvolvimento do aluno como fora observado em algumas aulas e depoimentos dos professores. Com isso, o aluno estará se encaminhando para a sua formação como um cidadão que compõe uma comunidade e como tal é um representante da cultura local. A fase de medição entre a escrita e a oralidade precisa ser fortalecida. Segundo Gherre (2003, p. 61):

Temos que tentar desenvolver o gosto e a confiança na oralidade, o prestígio da arte verbal, a discussão sobre as hipóteses relativas ao que seria a escrita, a leitura oral em voz alta de livros escritos e

impressos e a discussão dos seus conteúdos, comparados com conteúdos de histórias de tradição oral.

A cultura escrita é um bem desejável para qualquer comunidade. O seu desenvolvimento sociocultural está sempre relacionado à implantação da cultura escrita e seus padrões de linguagem. A presença da cultura escrita em uma escola rural promove um “reajuste” nas expressões orais dos alunos e isto, involuntariamente, modifica o comportamento oral dos alunos. Na escola entende-se que não há sentido ensinar a língua, senão para o uso adequado da língua (SCOLARQ, 2001, p. 67). No entanto, a cultura oral dos indivíduos oriundos de uma comunidade rural segue padrões distintos daquele apresentado pelo professor no ensino de língua portuguesa, ou até mesmo outra área de conhecimento que se utilize das modalidades escritas para apresentar o seu conteúdo. Os professores quando questionados sobre qual a finalidade de se incentivar a escrita na sala de aula, responderam da seguinte forma:

É para escrever certo...a gente chama a atenção deles para escrever em mais para aprender direito o português. Isto serve para eles aprenderem mais sobre as regras da gramática.. (Mariana)

Eles só querem escrever em sendo avaliados...tem muita coisa do português que só se aprende escrevendo. Terto explicar isso a eles nas aulas de gramática. Eles tem muita dificuldade, acham difícil. (Augusta)

...Acho que se eles escrevessem mais não teriam tantas dificuldades em português...tirariam boas notas. (Fátima)

Os professores apresentam que os alunos devem praticar mais a escrita para entenderem melhor o português, percebe-se nestas falas que a escola considera que o uso correto da língua é aquele utilizado a partir do ensino estabelecido pelo livro. O ensino da gramática na escola rural segue os padrões únicos do livro didático, negligenciando assim o uso da língua no cotidiano dos alunos em suas situações interacionais, o que ocorre é uma separação entre a cultura escrita e a cultura oral dos alunos e estes se vêm desmotivados em estarem sendo levados a refletirem sobre algo totalmente distante do seu uso real, isso explica o mau desempenho deles quando o assunto é escrever, como afirmaram os professores

entrevistados afirma. É nestas condições que a oralidade dos alunos acaba sendo oprimida pelo ensino da gramática, contrariando assim a ideia de que ela está pronta para servir como modelo para o ensino que se utiliza da cultura escrita como meio de comunicação.

A oralidade, nas escolas rurais, pode servir como modelo para o ensino de língua. Desta forma, os professores têm a favor do seu planejamento a riqueza que compõe o gênero da conversação oral. No entanto, há de se delimitar até onde pode a oralidade influenciar na escrita. A escola rural trabalha com a gramática dando a ela a sua devid importância, contudo, ainda há confusão por parte dos professores em determinar o que é considerado o uso correto da língua. Nas aulas observadas, alguns professores no momento do ensino da língua, utilizavam-se da gramática apenas quando partiam para a produção de vocábulos, frases ditas e textos escritos. Com isso, vê-se que o espaço da oralidade é limitado pela presença da gramática. Isto se justifica pelos reflexos que ainda há no ensino da gramática como busca pelo uso correto da língua. Os padrões culturais da comunidade são atingidos por esta noção de “uso correto da língua” já que a cultura oral rural está intrinsecamente vinculada à cultura da comunidade. Desta forma, corrigir o aluno de uma escola rural sobre como escrever corretamente, sem antes dar-lhe uma explicação sobre os valores do uso da língua em seus diversos contextos, indiretamente a cultura oral dele estará sendo considerada como o uso incorreto da língua.

De fato a cultura escrita influencia a cultura oral das pessoas, e por assim ser, novos significados sobre o que acontece em suas realidades são interligados aos saberes do indivíduo. Nas escolas rurais, novos saberes são adicionados aos alunos pela escrita, imbutidos pelos textos de livros didáticos. Este pode ser um momento de reconstrução daquilo que os alunos percebem sobre o mundo. Os novos significados vão surgindo a partir da cultura escrita e estes vão influenciando a cultura oral.

É quando vem uma palavra escrita corretamente, não a falam mais errado. A escrita corrige o jeito de falarem através das letras...eu sempre digo à eles que ler é bom para aprender.
(Fabiana)

Eles escrevem algumas palavras como falam.. mas quando são corrigidos começam a...falar a palavra da forma como está escrita corretamente. Eu acho que uma (escrita) influencia a outra (oralidade)(Nilmaria)

São preguiçosos para ler e escrever, quando fazem isso com mais frequência percebo que algumas palavras não são mais pronunciadas como antes... (Nilva)

Como pode ser observado, os alunos têm facilidade de serem influenciados pelos textos escritos, assimilando novas palavras pronunciando-as da mesma forma como estão escritas. Nota-se nas falas dos professores que eles têm dificuldades em interpretar o que consideram “falar errado” por parte dos seus alunos. Estas são as influências que a cultura escrita traz para o cotidiano escolar dos alunos, interligando-se à oralidade por fazer parte do aprendizado. Contudo, por serem oriundos de uma comunidade em que a fala é predominante nos processos de comunicação, é comum verificar a influência da oralidade na escrita dos alunos.

Traços da oralidade são notados na escrita, isso se dá pelo predomínio do espaço oral na comunidade rural. Um processo de “contaminação” produz na escrita dos alunos, segundo as normas do ensino-aprendizado da escola, uma desvalorização do seu aprendizado, tornando a sua escrita algo inferior do que a norma culta e das demais modalidades da língua. O principal fato da escrita está sofrendo influência da cultura oral de uma comunidade considerada de classe social baixa desfavorece a arte das outras, seja no nível sintático, semântico, fonético/fonológico, morfológico, lexical ou pragmático. A escrita dos alunos do meio rural tem suas particularidades, assim como a oralidade, ambas dividem um espaço na sala de aula, no entanto a oralidade se sobrepõe à escrita, pois o seu espaço sempre é garantido em qualquer lugar da comunidade.

De acordo com Sgnerini (2004, p. 99), é na influência do oral na escrita que ocorre um hibridismo, e este é inerente a toda escrita, com isso, ele apresenta diferentes graus de heterogeneidades dos elementos misturados, além de níveis e graus variados de visibilidade na comunicação social. Desta forma, a diversidade interligada à oralidade estabelece uma interferência na escrita. Segundo Sgnerini (2002, p. 98):

Trata-se da escrita que exibe um hibridismo não previsto pelos padrões de teorização e avaliação da escrita prestigiados nas instituições escolares e acadêmicas e relacionados ao que Street denomina “modelo autônomo de letramento”. O traço mais saliente desse tipo de escrita é a presença de elementos associados à língua falada, ou como se costuma dizer na escola, à “interferência” do oral no escrito.

Nas escolas observadas e de acordo com o depoimento dos professores ficou claro que o papel da escrita nas escolas rurais é de promover o aprendizado dos alunos. A questão da oralidade e do letramento ganha outros níveis de complexidade quando se trata das escolas rurais. Neste ambiente, onde, de maneira a pensar o desenvolvimento e valorização da cultura local, prega-se a valorização da sua cultura oral, o processo de letramento tende a ser diferenciado da oralidade. Há, constantemente, uma imposição entre estas modalidades da língua, onde uma não pode sofrer influências da outra sem que haja alguma perda. A sustentação da oralidade nas escolas rurais provoca o ensino de língua através das práticas de leitura e da escrita, e desta forma, pode acabar limitando uma perante a outra. Segundo Marcuschi (2003, p. 25):

Adiantando a posição a ser aqui defendida, friso que hoje não é mais possível investigar questões relativas ao letramento, isto é, às práticas da leitura e da escrita na sociedade, permanecendo apenas no aspecto linguístico sem uma perspectiva crítica, uma abordagem etnográfica e situada e uma inserção cultural das questões nos domínios discursivos. Investigar o letramento é observar práticas linguísticas em situações em que tanto a escrita como a fala são centrais para a atividade comunicativas em curso.

Desta forma, o processo de letramento dos alunos das escolas rurais, tende, para o seu desenvolvimento, a ser vinculado às estratégias criadas pela escola, incentivando à cultura oral. Ainda assim, disciplinas que corrigem o jeito de falar dos alunos através de textos escritos precisam ser pensadas como atributos culturais para a valorização da oralidade.

Os professores quando questionados sobre a relação entre a oralidade e a escrita sempre as diferenciam particularizando-as e afirmando que *os alunos não gostam*

de escrever, e quando escrevem o querem fazer a maneira como se fala. As influências da oralidade sobre a escrita é fato comum nas salas de aula. No ensino em escolas rurais não poderia ser diferente.

Os alunos não gostam de escrever... Eles gostam muito de conversar, querem que eu lida para eles... mas na hora de escrever redam muito. Eles não querem praticar a escrita, acho que é por isso que erram tanto. (Eliene)

Não gostam de escrever, e quando fazem, querem colocar palavras do jeito que se expressam oralmente... eles se confundem. (Nalva)

Destaforma, de acordo como que foi dito anteriormente, percebe-se a influência da oralidade aos textos escritos, visto que esta se tornou, na sala de aula da escola rural, o meio mais eficaz de se promover a interação entre aluno e professor. Os alunos sentem dificuldade em escrever por esse não ser um hábito em seu cotidiano, e por isso é desgastante e difícil. Desta maneira, eles limitam-se a querer sempre partir oralmente, diminuindo a participação com a utilização de textos escritos.

Nas aulas observadas, o espaço da oralidade utilizado pelos professores para incentivar em os alunos à participação em das aulas de forma contextualizada, sempre era maior do que o da escrita. A favor disto observa-se que as aulas expositivas eram sempre utilizadas pelos professores entrevistados. Faziam desta forma por compreenderem que os alunos tenham maior facilidade em se comunicar e interagir oralmente.

Os professores afirmam que os alunos aprendem mais com a oralidade do que com a escrita, isto devido à maior facilidade em que eles têm em se apresentarem na sala de aula oralmente. Mesmo com os professores utilizando textos escritos em suas atividades, buscando com que os alunos escrevam mais, ainda assim a oralidade está presente como principal elemento de interação entre os alunos e os docentes.

A escrita está o tempo inteiro se relacionando com a oralidade nas escolas rurais, desta forma, verificam-se as dificuldades que os alunos e, algumas vezes, os

professores têm em desenvolvimento de maneira distinta Jaeger (2003) faz uma discussão sobre a importância da escrita no processo de letramento e como estas se vinculam à formação das culturas emergentes. A autora faz uma distinção entre letramento e escolarização apontando as principais características destes processos. Nestes são destacadas as práticas discursivas do letramento e a pluralidade dos processos de escolarização.

Os professores compreendem a importância da prática da escrita. Observam que estas são necessárias para o processo de letramento dos alunos:

A escrita é incentivada com a finalidade de perceber e a importância de escrever bem sempre passo de casa para eles. Eles precisam melhorar a ortografia. (Nélva)

Nas aulas sempre tem o momentos das atividades escritas. Acho importante que eles pratiquem sempre. Precisam melhorar a ortografia. (Josiene)

A importância da escrita no ensino-aprendizado é perceptível no discurso dos professores. Eles têm consciência das dificuldades que os alunos apresentam ao escrever e por isso sempre tentam incentivá-los. Os professores entrevistados explicam que os alunos estão sempre em contato com bons textos, pois todo o material utilizado se baseia no cotidiano do meio rural, como é estabelecido no projeto da escola.

O material que eu utilizo nas aulas sempre é voltado para o cotidiano da roça, com isso, acho que eles passam a conhecer melhor o ambiente em que vivem. Influência sim. (Mariana)

Observa-se que a preservação da cultura oral dos alunos não deve ser uma preocupação apenas dos professores no momento de aplicar o conteúdo das aulas, mas deve ser também um compromisso de quem elabora os projetos e diretrizes das quais a escola deve seguir. O professor com um material ligado à cultura local dos alunos terá maior facilidade em preservar a cultura destes e assim apresentar os valores que a variedade linguística tem na sociedade.

As interações entre os textos escritos e a oralidade estão sempre presentes nas escolas rurais, com isso há de se investigar quais os limites entre um e outro na aquisição de novos conhecimentos e preservação da cultura oral local dos alunos. A escrita serve, nas aulas observadas, para avaliar o desempenho dos alunos nas matérias estudadas. Tal finalidade não abrange a oralidade. Nota-se que os textos orais são as especialidades dos alunos, contudo, estes são desconsiderados no momento de avaliar o seu desempenho escolar. Neste sentido, a cultura escrita, com toda a sua força influenciada pelas leis da gramática normativa, é instituída, mesmo que indiretamente, como o mais importante modelo de se avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nas escolas rurais do município de Capim Grosso comprova a importância da cultura oral nas escolas rurais. Neste sentido, verificamos que a cultura oral é bastante rica nas comunidades rurais, uma vez que o seu valor está evidenciado por fazer parte do cotidiano comunicacional dos sujeitos. A oralidade nas escolas rurais, como prática cultural, tem um papel fundamental na construção da identidade linguística dos sujeitos.

Preservar os conhecimentos dos alunos adicionando novos saberes a eles é o perfil adotado pelos professores que fizeram parte desta pesquisa. Desta forma, faz-se necessário que a escola prestigie não só a cultural oral dos alunos, mas sim toda a pluralidade cultural que envolve os alunos. Com isso, a escola criará condições de apresentar distinções sobre os novos conhecimentos e a importância destes para o aprendizado dos alunos. Introduzir novos conhecimentos aos alunos é dever da escola, desta forma a sua representação como formadora de cidadãos que tenham condições de opinar criticamente sobre qualquer situação, ainda é considerada em qualquer comunidade.

Nesta pesquisa, observou-se que os professores, por partidarismo de formações específicas para a educação do campo, estão sempre respeitando a oralidade dos alunos, incentivando-os a falar, chamando a sua atenção para os temas do cotidiano do meio rural. A oralidade dos alunos é percebida pelo professor sem dificuldades. Estes usam da oralidade para criarem um espaço de discussão sobre os temas pertinentes à aula aplicada. O espaço oral é motivado pelo professor, que busca chamar a atenção do aluno para que haja interação deste com a aula. O professor estimula a fala do aluno através de perguntas e comentários sobre os conhecimentos apresentados. A ação adotada pelo professor diante da cultura oral dos alunos é representada através do seu interesse em ouvir o que o aluno tem a dizer, sem desmerecer ou criticar o seu modo de falar. O perfil, de incentivar os alunos a manterem os valores da sua cultura, adotado pela escola faz com que os professores trabalhem com os conhecimentos sobre a realidade da comunidade rural. Este perfil estabelece condições para que os professores percebam as

necessidades dos alunos no momento destes se posicionarem diante dos novos saberes, com isso a cultura oral rural está usada como uma cultura de valor que precisa ser respeitada. O professor diante disso, utilizou-se da oralidade a favor do aprendizado do aluno, e das condições da cultura deste, contudo, não pode distanciar-se das outras variações da língua, respeitando assim a noção de que a língua não é homogênea e nem monolíngua.

A cultura escrita tenta encontrar o seu espaço nas escolas rurais observadas. O ensino de gramática limita o espaço da oralidade. Os professores apresentam a gramática como elemento importante para o desenvolvimento do estudante, embora esta não faça parte do cotidiano dos seus alunos. A atividade escrita ganha as suas dificuldades devido à complexidade com que os alunos percebem a estrutura do texto escrito. A falta de prática em escrever também ajuda a dificultar o processo de aquisição das normas gramaticais.

O espaço da oralidade, em algumas escolas rurais do município de Capim Grosso, está sofrendo mudanças significativas, pois podemos observar, através da pesquisa realizada, que não há mais uma busca por mudar a cultura oral local, como em alguns tempos poderia ser visto. Os professores juntos à escola criam condições dos alunos manifestarem a sua cultura sem que esta seja censurada ou discriminada. A pluralidade linguística presente nas escolas rurais é bastante acentuada, isto não poderá ser mudado pela escola. Neste sentido a escola tenta manter as condições necessárias para que os alunos interajam com os conhecimentos apresentados pelo professor na sala de aula sem que isso diminua o valor cultural dos alunos.

Diante de tudo, ficou evidente que o espaço da oralidade é amplamente explorado pelos professores nas escolas rurais observadas. Considerando que os alunos se sentem mais aptos a aprenderem quando se comunicam através da oralidade, facilitando o trabalho do professor que aproveitam o espaço da oralidade para apresentar as suas aulas. As escolas rurais aqui analisadas são fortemente influenciadas pelo Projeto de Educação no Campo instituído pela secretaria de educação do município em questão. Nota-se desta forma que o intuito das escolas

rurais é o desenvolvimento sustentável das comunidades do meio rural, preservando a sua cultura estimulando o diálogo à pensar a favor dela

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. Preconceito Linguístico. São Paulo: Loyola, 2002.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CELESTINO, Rafaela Soares; LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina P.; ANDRADE, Renata B. L. de. **A Oralidade e Argumentação nas práticas de professoras de 4ª série**. Universidade Federal de Pernambuco. 2005. Disponível em <<http://www.daad.aeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1087-4.pdf?PHPSESSID=2009061510200117>> Acesso: 10 de dezembro de 2010.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino da língua materna**. 4 ed, São Paulo: Cortez, 2003.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Oralidade, Memória e a Mediação do Outro: Prática de Letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso cordel (1930-1950)**. Vol. 23 no. 81, Campinas: Dezembro, 2002.
- GNERRE, Maurício. **Linguagem escrita e poder**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. **Culturas orais e sociedades letradas. Educação & Sociedade**, Ano XXI, nº 73, Campinas, Dezembro, 2000.
- HAVELOCK, Eric. **A equação oralidade X cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna**. São Paulo, Ática, 1995, p. 17-34.
- JAEGER, Biana Vogel. **Letramento: perspectivas e implicações para a educação**. 2003.
- LOPES, Marília Cristina campos. VALENTE, Luís de Nazaré Viana. **A Oralidade na Escola: Notas Sobre a Problemática da Modelização Didática**. Universidade Federal do Rio Grande Instituto de Educação. **Revista Didática Sistemática**, Volume 9, 2009. Disponível em <<http://www.red.sifurg.br/edcoes/vd9/art3v9.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2010.
- LUZ, Mary Néva Surd da. **O espaço da oralidade no ensino médio**. Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2007. Disponível em <<http://www3.uri.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/100/pdf/abril/2010>> Acesso em 12 de março. 2010.
- MARCUSCH, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 140-153.
- MENEZES, Marilúcia; CARVALHO, Margari da Brito de; MENDES, Silene Menezes. **A Cultura Oral da Criança da Zona Rural no Contexto Escolar**. 2009. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Jacobi na, 2009.
- SANTOS, Fábio Josué Souza. **Por uma escola da roça**. Salvador, Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, 2003, p. 147-158.
- SCOLARQ, Maria Elvira Laranjeira. **O ensino da Língua pelo uso da Língua**. Salvador: Ed. UNEB, 2001.
- SIGNORIN, Inês. **Gêneros catadores**: Letramento e formação dos professores. Ed. Parábola. São Paulo SP. 2004.
- SIQUEIRA, Deis; OSORIO, Rafael. **O conceito de rural**. *En publicadon: Una nueva ruralidad en América Latina?*. Norma Garracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN 950-9231-58-4. Acceso al texto completo <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/osorio.pdf>.
- STUBBS, Michael; GANGNÉ, Gilles. **Língua materna**: Letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- SOUTO, Andrea do Rocio; SANTOS, Judinéia Nardoso dos. **Oralidade e Cultura Popular na Sala de Aula**. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. PPG-LET- UFRGS – Porto Alegre – Vd. 04 N. 01 – jan/jun 2008.
- OLSON, D. R. e TORRANCE, N. (Orgs.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnodogização da palavra. Campinas, SP: Papius, 1998.
- RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Entre a roça e a cidade**: identidades, discursos e saberes na escola. Salvador, BA: FAFCD-UFBA, 2008.
- ZUMTHOR, P. **Alfabeto e a voz. A "literatura" medieval**. São Paulo: Casa das Letras, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Rotário de entrevista com professores

Entrevistas aos professores da zona rural

Diversidade linguística

1. Explique a diversidade linguística na suas aulas. Como se dá? Quais os momentos que mais se percebe as particularidades linguísticas de cada aluno?
2. Há muitas diferenças entre o jeito de falar de cada aluno. Explique sobre a sua postura diante dos alunos no momento deles se expressarem oralmente.
3. Quais as principais características da oralidade dos alunos em suas aulas? Em que eles se influenciam para se expressarem oralmente?
4. Você acha que as mudanças no comportamento oral (lingüístico) dos alunos são motivadas pela escola? Quais os elementos que proporcionam isso?
5. A identidade linguística dos alunos é respeitada na sala de aula? De que maneira você dialoga com os alunos com relação a isso?
6. A preservação da cultura oral segue os parâmetros curriculares da escola? Fale um pouco sobre eles?
7. A fala do professor interfere na oralidade dos alunos? De que maneira?
8. Você corrige os alunos na sala de aula? Como explica a norma padrão sem desvalorizar a cultura oral dos alunos?
9. Em algum momento os alunos se sentiram inferiorizados devido à própria cultura oral?
10. Explique a sua forma de corrigir os alunos quando estes se expressão de maneira distinta da norma padrão.

Oralidade e escrita

1. A oralidade influencia as produções escritas dos seus alunos? Como isso acontece?
2. Os alunos, em suas aulas, aprendem mais com a oralidade ou a escrita? Por que você acha isso?
3. A escrita é incentivada com qual finalidade nas suas aulas?
4. Há muitas dificuldades para os alunos desenvolverem uma boa escrita? Por que?
5. A oralidade é tão incentivada quanto a escrita? De que maneira isso ocorre?
6. Quais as dificuldades do aprendizado da escrita?
7. Os alunos gostam de escrever? Por que você acha isso?

Cultura oral no espaço rural

1. Os alunos trazem sua cultura rural para a sala de aula?
2. Você percebe vestígios do “falar” do meio rural nas expressões dos seus alunos? Como você reage diante disso?
3. A oralidade é valorizada na sala de aula? Como?
4. De que maneira você avalia a oralidade dos seus alunos?
5. Você acha que a cultura oral dos alunos da zona rural é desestimulada pelo currículo da escola? Por quê?
6. Como você atua diante das expressões orais dos alunos?

ANEXOS

ANEXO A – FOTOS



FOTO 01 - Escola municipal João Evangelista Filho do povoado Mata do Estado.



FOTO 02 - Escola municipal Luciano Silva do povoado km 12.



FOTO 03 - Escola municipal Justino Rêgo Soares do povoado Lajedo.



FOTO 04 – Estrada utilizada para chegar à escola municipal Justino Rêgo Soares do povoado Lajedo.

ANEXO B – MATERIAS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS PELAS PROFESSORAS NAS AULAS

2

ABRIL-JULHO/2007

A VOZ DO CAT

UM OLHAR SOBRE O SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO

Muito se tem falado sobre o semi-árido brasileiro apresentando-se as mais diversas opiniões, ou visões. Aqui queremos ressaltar algumas características, com um olhar geográfico, humanista e sócio-ambiental.

1) ABRANGÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO

A região Semi-Árida do Nordeste abrange 11,5% do território nacional, isto é, aproximadamente 950.000 km², compreendendo 52,4% da região Nordeste que tem 1.500.000 km² de extensão. Esta área vai desde o Vale do Jequitinhonha ao norte de Minas Gerais e Espírito Santo, envolvendo todos os Estados da Região Nordeste.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - de 2005, indicam que a região tem uma população de aproximadamente 30 milhões de habitantes, colocando-a como a região semi-árida mais povoada do mundo - esses números correspondem a aproximadamente 15% da população brasileira e 56% de toda a população do Nordeste.

Esta região constitui-se como espaço geográfico complexo, pois, nele se identificam áreas urbanas, rurais, agricultura de sequeiro e irrigada, agricultura moderna e de subsistência, áreas industrializadas, zonas de comércio, etc.



1.1 Visão deturpada

O semi-árido é sempre definido - especialmente na literatura e pela mídia - mostrando-se a semi-aridez como aspecto negativo. Nesse sentido, não são evidenciadas as potencialidades sócio-ambientais da região, assim negligenciam-se as suas "possibilidades" e "capacidade" de auto-sustentabilidade, sendo apontada sempre como um "problema" regional/nacional.

Essa imagem de "região problema" é resultado do processo histórico iniciado desde o período colonial, onde as políticas territoriais se direcionaram para favorecer as elites regionais, não contribuindo para melhorar a qualidade de vida da maioria da população, o que gerou graves problemas sociais e econômicos.

O clima semi-árido vem sendo utilizado como elemento para explicar as desigualdades sociais na região, mas, na verdade, elas são provocadas pela forma como a sociedade capitalista produz e utiliza o espaço, realidade que não é só dessa região, mas de todo o país.

1.2 Aspectos ambientais

A região é caracterizada pela biodiversidade, onde se encontram os brejos, as planícies fluviais, como a do rio São Francisco, assim como as serras e os planaltos, as áreas chuvosas (com precipitação média anual em torno de 1.000 mm/ano, na parte central do estado da Bahia) e áreas com poucas chuvas aproximadamente 250 mm/ano (oeste da Paraíba).

O município baiano que apresenta a menor média pluviométrica é Curaçá - Ba, (média de 301 mm/ano), mas é preciso lembrar que a região do Cairo, capital do Egito, tem uma média de 35 mm/ano e apresenta significativa produtividade agrícola. Israel, um dos países mais ricos e poderosos do Oriente Médio, tem uma média pluviométrica entre 25 mm/ano (área menos chuvosa) e 718 mm/ano (a área mais chuvosa), enquanto no semi-árido brasileiro, a área que menos chove apresenta um índice 10 vezes maior que o menor índice de Israel. Então as condições climáticas não podem constituir-se em referencial das condições sócio-econômicas do lugar.

A vegetação de caatinga (caa = mato, vegetação e *tinga* = branco), é constituída por espécies xerófitas, que são plantas adaptadas às condições de semi-aridez. Assim, para sobreviver às longas estiagens, desenvolvem suas raízes, tornando-as longas e ramificadas, para poder buscar água em profundidade, ou seja, no lençol freático. No processo de adaptação, as folhas tornaram-se pequenas e em algumas são substituídas por espinhos, para evitar a perda de água no período de estiagem. Outra característica dessas espécies é a película em torno do caule, também para evitar a perda de água, isto é, diminuir o processo de evapotranspiração.

Na caatinga encontram-se espécies arbóreas (árvores maiores), assim como arbustivas (plantas de médio porte) e herbáceas (plantas rasteiras). As principais plantas da caatinga são: mandacaru, juazeiro, umbuzeiro, macambira, baraúna, catinga de porco, xique-xique. A preocupação com a conservação da caatinga, resulta da necessidade de cidadãos que se deve ter com a natureza e a sociedade, mas também pelo fato de ser um bioma exclusivamente brasileiro. Estimam-se que existem em torno de 932 espécies de plantas.

1.3 As chuvas e os principais rios

Sob o ponto de vista climático, existem áreas com chuvas concentradas e áreas onde a pluviosidade é mais bem distribuída. O clima tropical semi-árido apresenta médias de temperatura em torno dos 28° C e caracteriza-se, especialmente, pela irregularidade na distribuição das chuvas.

Esta distribuição interfere também na rede hidrográfica que se determina pela predominância de rios temporários, isto é, deixam de ser caudalosos no período de estiagem, mas não significa que deixam de existir, por isso não se deve jogar lixo nem fazer construções, ou desmatar as margens dos mesmos. As inundações/desabamentos que ocorrem em áreas ribeirinhas são porque as pessoas constroem casa no espaço que faz parte do leito do rio.

Os principais rios do semi-árido são Itapicuru, Piranhas-Açu, Paraíba, Paraguaçu, Jacuípe, Peixe, Una, Utinga, Capivari, Contas, além do rio São Francisco, que é perene mesmo atravessando todo o semi-árido. Este rio, sendo hoje tão maltratado, é também cobiçado e mal explorado para irrigações por grandes empresas agrícolas ou latifundiários. Este é um assunto polêmico (bem como a transposição), o qual não discutiremos aqui. Ocupando-se de buscar um melhor aproveitamento das águas das chuvas desta região, temos atualmente a Articulação do Semi-árido - ASA a qual atua com uma visão positiva, humanista e técnica, mostrando todas as potencialidades humanas, climáticas e geográficas desta região. Desenvolvendo o "Programa Um Milhão de Cisternas" - PIMC - a ASA vem construindo cisternas em todo o Nordeste para aproveitamento das águas das chuvas, armazenando-as para consumo humano. Mas vem também trabalhando com os pequenos agricultores, outras formas de captação de água para os animais e o plantio (mais informações veja no site: www.asabrasil.org.br).

(continua na pág. 3)

Jo

Projeto de Educação Rural
MOC/UEFS/Prefeituras Municipais
DISCIPLINA – GEOGRAFIA

Nacelice Barbosa Freitas – Professora de Geografia - UEFS
Janaina Novaes Sobrinho – bolsista de Geografia UEFS

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

❖ **Trabalho com rótulos dos alimentos industrializados**

▪ **Material**

Rótulos de alimentos industrializados (café, açúcar, leite, enlatados em geral, etc.)

▪ **Procedimentos**

- Identificar a cidade, Estado ou país onde o produto foi industrializado
- Localizar no mapa
- Traçar uma linha reta, do local de origem até o lugar de destino – pode ser seu município ou outro da escolha do professor/professora ou do aluno/aluna
- Identificar a quantidade em centímetros
- Transformar em quilômetros a partir da Escala do mapa
- Discutir os custos em transporte que estão embutidos nos produtos
- Lembrar que no Brasil predomina o uso do transporte rodoviário que é quinze vezes mais caro que o hidroviário, e quatro vezes mais caro que o ferroviário, pois entre outros fatores, depende predominantemente do petróleo.
- Relacionar a atividade com Ciências, (composição dos alimentos, principalmente dos enlatados).

❖ **Trabalho com Escala**

Para encontrar a **distância real** (da superfície) e a **distância no mapa**, trabalhamos com a **Escala**. Temos então que ficar atentos para a indicação que aparece no mapa, que é exposta em centímetros e em quilômetros.

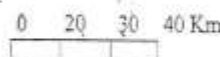
A escala sempre aparece em centímetros (distância no mapa), e a distância da superfície terrestre em quilômetros.

A Escala pode ser classificada em: Numérica e Gráfica.

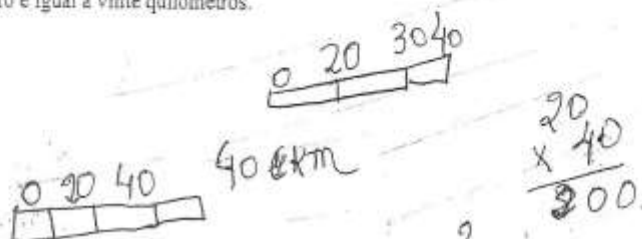
- ♦ A Escala Numérica é representada da seguinte forma: 1: 10.000.000 (um para dez milhões). Então, cada um centímetro no mapa corresponde a dez milhões de centímetros, ou cem quilômetros de distância real. Para fazer a transformação de centímetros para quilômetros, temos que recorrer ao Sistema Métrico Decimal, isto é, eliminando-se cinco zeros dos números que determinam a distância em centímetros, tem-se a distância em quilômetros. Por exemplo:

$$10.000.000 \text{ cm} = 100 \text{ km}$$

- ♦ A Escala Gráfica é representada por uma reta graduada, semelhante a uma régua. Então cada um centímetro corresponde ao número menor (após o zero) que aparece na graduação da reta. Por exemplo:



Então: um centímetro é igual a vinte quilômetros.



Projeto de Educação do Campo – CAT 2007. MOC/UEFS/Secretarias Municipais de Educação

CAT Município de Capim Grosso – BA
 Coordenadores Municipal das Escolas do Campo:
 João Carlos Carvalho de Almeida,
 Maria Adelaide de Oliveira Silva e
 Nuciêide Trindade dos Santos
 Data: novembro de 2007



O que significa políticas públicas?

Antes de tudo podemos entender "políticas públicas" como diretrizes e regras que regulam e dizem como devem ser as relações entre o poder público e o Estado! Exemplo disso são programas, linhas de financiamento e projetos, onde são explicitadas aplicações de recursos.

O PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). É um tipo de política pública para a agricultura familiar.

O PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). É uma política pública de educação.

Mas... A gente precisa prestar atenção! Nem todas as políticas estão escritas! Nem toda política pública está clara em documentos e leis.
 Há também as omissões, as coisas não feitas! E no nosso Brasil elas são a maioria.

De vez em quando agente chama isso de descaso do governo! Não é mesmo?
 Geralmente os governos querem decidir, mesmo que não esteja escrito em documentos, são políticas escritas na prática dos governos, que muitas vezes dão importância concreta a certos grupos e não dão a outros.

Se no orçamento tem dinheiro para a dívida externa e os juros e não tem ou tem menos para a educação e saúde, é porque o governo decidiu isso.
 E aí ele diz que dá importância a educação, mas não dá dinheiro.

Que políticas públicas conhecemos em nosso município e regiões?

Pelo que conhecemos quem decide essas políticas?

Que grupos ficam com os custos e os benefícios delas?

É possível mudar isso?

O que significa elaborar políticas públicas?

Se não estamos satisfeitos com as políticas públicas que estão aí, temos que começar a elaborar outras! Não sabe o que é isso? Se quisermos transformar a realidade de acordo com nosso projeto, outra coisa importante é influir nas políticas públicas.

Precisamos entender o que é isso e como fazer.

Quem decide (é o governo sozinho ou toda comunidade)?

O que vai ser decidido?

Quando e com que conseqüências?

Para quem?

Observe que há diferença entre política pública e política governamental

*sindicatos, associações
 exigem
 os recursos que se usam para
 trabalhar voluntariamente em
 benefício da comunidade*

	<h1>A VOZ DO CAT</h1> <p>(Conhecer, Analisar e Transformar a Realidade Rural)</p>		
Boletim Informativo do Projeto de Formação de Professores Rurais			
Convênio: MOC/UEFS/Prefeituras Municipais	Julho a Setembro/2003	Nº 24	Ano VII

Sustentabilidade do Campo

Hoje, fala-se muito em Desenvolvimento Local Sustentável.

Para nós, educadores do Movimento Popular, desenvolvimento sustentável só acontece se ele for integrado, ou seja, que atinja todas as faces da vida humana (saúde, educação, moradia, situação econômica e social, etc) e que integre zona rural e urbana, todos os segmentos humanos que atuam no município, buscando a organização destes e cada um contribuindo para melhoria da qualidade de vida de toda a população local.

Então, nós, como educadores rurais, temos também, uma contribuição específica a dar. Com nossos alunos e suas famílias podemos levantar as necessidades locais e discutir pistas para saná-las, ou, ao menos, melhorar a situação, incentivando a organização das pessoas, a participação destas em lutas coletivas e/ou entidades sociais do município, para que possamos juntos trabalhar pela melhoria de vida de todos.

Nós, do CAT, preocupados com nosso papel nesta luta, vimos estudando formas concretas de contribuir para o DLS de cada município, e por isto, lançamos no dia 29 de agosto, um livro com o título: "Educação Rural Sustentabilidade do Campo", que expõe duas experiências com política pedagógica para a educação do campo: a do CAT (Construir Avaliar e Transformar), na Bahia e a PEADS (Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável), em Pernambuco. A 1ª desenvolvida em parceria pelo MOC (Movimento de Organização Comunitária), UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e prefeituras; e a 2ª pelo SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) e Prefeituras. Com uma diferença: na Bahia tem sido uma experiência pouco assumida pelo poder público local, em Pernambuco já se tornou política pública definida e assumida pelas secretarias dos municípios que a vivenciam.

Olhando o início do CAT em 1994 com três municípios e 39 professores e verificando, hoje, 310 professores e nove Prefeituras, nota-se seu imenso crescimento e aceitação. Em 1998 lançou-se um livro. E agora mais outro. Este agora, no entanto, assume outra dimensão.

Os princípios, a metodologia, a dimensão de educação do campo que o CAT desenvolve, assim como o faz a PEADS, estão consagrados pelas "Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo", Resolução Nº 01 de 03/04/2002 do Conselho Nacional de Educação.

Assim, a proposta do CAT não é mais um projetinho.

Ele pode e deve transformar-se em política para as escolas do Campo. Escolas que respeitem o/a agricultor/a, sua vida, seus valores, sua realidade e, antes de tudo, produzam conhecimentos para modificar esta realidade para melhor, e buscar o desenvolvimento sustentável.

O seminário realizado na UEFS durante todo o dia 29 de agosto, o qual se encerrou com o lançamento do livro supracitado, teve como objetivo principal suscitar discussões nesta área.

Esse é o desafio nosso - MOC, UEFS, Prefeituras e Movimento Popular - da região sisaleira.

Iniciamos uma experiência que está dando certo, cresce, se expande por vários cantos e, oficialmente, tem seus princípios e metodologia assumidos por Lei.

E agora?

Agora é levarmos esse processo a todos os professores e não apenas a alguns do município e ampliarmos a abrangência e a caminhada.

Mãos à obra!

**A Matemática
na Vida**

Leia pág. 2

**Experiências,
expressões e lições
da Vida, na Escola.**

Veja págs. 4 e 5

**Natureza, chuva
trabalho marcam a
vida da população,
no semi-árido**

págs. 6 e 7

2ª FICHA PEDAGÓGICA- III UNIDADE 2006. TEMA: CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO

CONHECER. fl.02		
ALFABETIZAÇÃO	1ª e 2ª SÉRIE	3ª e 4ª SÉRIE
1.5 De que forma sua família fez a colheita?	1.8 De que forma sua família faz a colheita? Quanto colheu? Qual o destino destes produtos?	1.8a. De que forma sua família faz a colheita? Quanto colheu? Qual o destino destes produtos?
1.6 Quantas pessoas votam em sua casa? Quantos não votam?	1.9 O que sua família observa para escolher os representantes? (associação, sindicato, vereador, prefeito, deputados, governo e presidentes).	1.9 O que sua família observa para escolher os representantes? (na associação, sindicato, vereador, prefeito, deputados, governo e presidentes).
	1.9b. Quantas pessoas votam em sua casa? Quantos não votam?	1.9b. Quantas pessoas votam em sua casa? Quantos não votam?